

Boletim do Núcleo de Agronegócio - Ano II nº 046 **24/11/2008** - Fone: 3340 3066

Cotação de Preços (24/11/08)	Recortes
<p>GRÃOS (Preço líquido pago ao produtor)</p> <p>Feijão Carioca¹ - R\$ 80,00 - 100,00 / sc de 60 kg</p> <p>Milho² - R\$ 19,00 / sc de 60 kg</p> <p>Soja² - R\$ 41,50 / sc de 60 kg</p> <p>HORTALIÇAS³ (Preço líquido pago ao produtor)</p> <p>Alface - R\$ 5,00 / cx de 7 kg</p> <p>Beterraba - R\$ 12,00/ cx 20 kg</p> <p>Cenoura - R\$ 9,00 / cx 20 kg</p> <p>Chuchu - R\$ 8,00 / cx 20 kg</p> <p>Couve Manteiga - R\$ 0,40 / (maço 500 g)</p> <p>Couve Flor - R\$ 32,00 / Dz</p> <p>Mandioca - R\$ 11,00 / cx 20 kg</p> <p>Morango - R\$ 4,50 / caixa (04 cumbucas de 350 g)</p> <p>Pimentão - Campo R\$ 8,00; Estufa R\$ 10,00 / cx 12 kg</p> <p>Quiabo - R\$ 28,00 / cx 12 a 14 kg</p> <p>Repolho - R\$ 13,00 / sc 20 kg</p> <p>Tomate - R\$ 38,00 / cx 20 kg</p> <p>FRUTICULTURA³ (Preço líquido pago ao produtor)</p> <p>Goiaba - R\$ 30,00/ cx 20 kg</p> <p>Maracujá - R\$ 2,00 / kg</p> <p>Tangerina Ponkan - R\$ xxxx / cx 20 kg</p> <p>Limão - R\$ 38,00 / cx 20 kg</p> <p>PECUÁRIA</p> <p>Bovino</p> <p>Arroba⁴ - R\$ 82,00 Não Rastreado e R\$ xxx Rastreado</p> <p>Bezerro 8 a 12 meses (nelore ou anelrados)⁵ - R\$ 600,00</p> <p>Leite</p> <p>Litro⁶ - Latão: R\$ -- ; Tanque: R\$ 0,58</p> <p>Suíno⁷ - Vivo</p> <p>Kg - R\$ 3,09</p> <p>Aves⁷ - Frango Vivo</p> <p>Kg - R\$ 1,76</p> <p>-- Galinha Caipira⁸</p> <p>Unidade (± 1,7 Kg) - R\$ 22,00</p> <p>Carneiro⁹</p> <p>Kg - R\$ 3,50 (Borrego) - carcaça R\$ 7,00; R\$ 2,50 ovelha e carneiro para descarte - carcaça R\$ 5,80</p> <p>Peixe¹⁰ (Tilápia) (Preço líquido pago ao produtor)</p> <p>Kg - R\$ 2,60</p> <p>Avestruz¹¹ - vivo</p> <p>Kg - R\$ 2,40</p>	<p>Demanda mundial por alimentos deve sustentar embarque de grãos</p> <p>Os estoques mundiais apertados e a demanda chinesa por alimentos devem sustentar os embarques do complexo soja em 2009, principal item nas exportações do agronegócio brasileiro. Os representantes dos produtores acreditam que a falta de crédito para ACC (Adiantamento sobre Contrato de Crédito), instrumento utilizado para financiar as exportações, pode impactar diretamente a safra brasileira com a redução dos recursos antecipados ao produtor. As indústrias, por sua vez, acreditam que as vendas devem fluir com mais lentidão em virtude da restrição de recursos, mas sem grande impacto na demanda.</p> <p>Fonte: Gazeta Mercantil</p> <p>Carne terá novo patamar de preços, diz Sociedade Rural (Mercado Aberto)</p> <p>O mercado de carnes vai se ajustar a um novo patamar de preço, bem abaixo do praticado hoje, segundo Cesário Ramalho da Silva, presidente da SRB (Sociedade Rural Brasileira). Com a crise, que escasseou o crédito aos russos -maior comprador individual da carne brasileira- os negócios entre Brasil e Rússia serão comprometidos.</p> <p>Nos portos russos já há contêineres parados pois o país está sem recursos para quitar as parcelas restantes dos carregamentos que já foram entregues nos portos, diz Silva. "Quando o comprador busca crédito bancário para tirar a mercadoria do porto, não consegue."</p> <p>Segundo Silva, os russos já começaram a pedir descontos e ameaçaram cancelar contratos. Na Sial, uma das maiores feiras de alimentos do mundo, que ocorreu no fim de outubro, em Paris, Silva afirma que os descontos pedidos circulavam em torno de US\$ 1.500 por tonelada, sendo que hoje o valor da medida é de cerca de US\$ 3.500 -antes do aprofundamento da crise, o valor praticado era de cerca de R\$ 4.000. Mas os descontos ainda não foram aceitos. "Foi uma feira sem negócios. Isso significa que o mercado internacional de carnes está em busca de um novo patamar, mais baixo."</p> <p>Silva diz que as informações de que frigoríficos brasileiros estão reavaliando seus investimentos e dando férias a funcionários acentuam incertezas no setor. "Se isso se espalhar para mais países importadores e frigoríficos vai afetar a demanda e os pedidos de entrega, e atingir o preço pago ao pecuarista."</p> <p>Fonte: Folha de São Paulo</p> <p>Chinchilho controla pulgas e mato</p> <p>Na Embrapa Clima Temperado, em Pelotas (RS), a primeira planta pesquisada no Projeto Plantas Bioativas, que tem por objetivo oferecer alternativas naturais no campo, é o chinchilho, também conhecido como erva-fedorenta e alfinete-do-mato. "Muitos produtores já usam a planta para espantar pulgas em galinheiros", diz o pesquisador Gustavo Schiedeck. "O chinchilho vem mostrando potencial como fungicida, inseticida, bactericida e até herbicida." Como herbicida, o chinchilho libera no solo substâncias que inibem a germinação de sementes de plantas invasoras. Outra forma de aplicação é extrair uma substância da planta e usá-la em áreas infestadas.</p> <p>Fonte: Estado de São Paulo</p>

Água: Manancial preservado, agricultor recompensado

O município de Extrema, no sul de Minas, tem apenas 24 mil habitantes, mas as águas que nascem e correm pela cidade ajudam a formar um sistema que vai abastecer mais de 8 milhões de pessoas a pouco mais de 100 quilômetros dali, na Grande São Paulo.

O Sistema Cantareira é um dos maiores do mundo e compensa a deficiência hídrica da capital paulista ocasionada em parte pela poluição das Represas Billings e Guarapiranga. Sua boa qualidade vem sendo garantida pelo fato de parte de suas nascentes e corpos d'água estar inserida em áreas com remanescentes de mata atlântica. Mas isso é cada vez mais ameaçado por mudanças no uso e na ocupação do solo.

Nesse movimento, proprietários rurais que têm manancial em suas terras - caso dos moradores de Extrema -, e os mantêm preservados, prestam de graça um enorme serviço ambiental para quem se beneficia na outra ponta da torneira.

É a presença da mata que, entre outras coisas, favorece a absorção da água da chuva nos lençóis subterrâneos e impede o assoreamento dos rios. Sem ela, o gado pode pisotear a terra em torno de minas d'água, impedindo que elas voltem a se encher após um período de seca.

Foi para evitar que isso ocorra - e a quantidade e a qualidade da água que passa pela cidade mineira acabe prejudicada - que a prefeitura decidiu pagar para preservar. Em uma das primeiras iniciativas brasileiras de pagamento por serviços ambientais, agricultores estão, desde o começo do ano passado, recebendo uma verba do município por protegerem as nascentes e cursos d'água existentes em suas propriedades.

A lei prevê que proprietários rurais que queiram participar do projeto abram mão de ter alguma atividade agrícola nos trechos de suas terras onde haja alguma fonte hídrica para que elas possam ser preservadas ou recuperadas. Em compensação, eles recebem R\$ 159 por hectare da sua propriedade por ano, valor dividido em parcelas mensais. Como o valor total está vinculado ao tamanho da terra, alguns chegam a receber mais de R\$ 1 mil por mês.

"Se o dono da terra fosse arrendar a área que está sendo cercada para alguém colocar pasto, ele receberia em torno de R\$ 120 por hectare ao ano. É menos do que pagamos", afirma o biólogo Paulo Henrique Pereira, diretor do Departamento de Meio Ambiente de Extrema.

CERCAR, PLANTAR E SANEAR

O projeto, apelidado de Conservador das Águas, está, na prática, pagando para que a lei ambiental seja cumprida. O Código Florestal estabelece que nascentes, mananciais e matas ciliares são áreas de proteção permanente (APP), ou seja, onde a vegetação original não pode ser removida. E, se fosse, teria de ser recuperada.

"A verdade é que só o modelo clássico de comando e controle para fazer cumprir a lei não tem trazido resultados", explica Pereira. "Na nossa realidade vimos que o agricultor sozinho não faria isso. Ele não tem renda para investir em conservação, então decidimos fazer isso e pagar para aqueles que acabam agindo como verdadeiros guardiães da água", afirma.

Por enquanto, o programa está sendo implementado somente na Bacia das Posses, mas a expectativa é que alcance, ao longo dos próximos anos, todas as sub-bacias do município. Posses é a mais degradada - ao longo dos anos teve quase toda a sua cobertura vegetal substituída por pastagens.

Desde o começo dos trabalhos, em março de 2007, as APPs já foram cercadas e se iniciou o plantio de árvores nativas e a recuperação da mata ciliar. A segunda etapa do trabalho, também já em andamento, é a de conservação do solo, que prevê, por exemplo, a criação das chamadas barraginhas, uma espécie de minipiscina nos morros para evitar a erosão com a descida da chuva. A última etapa será de saneamento ambiental, com a construção de fossas sépticas e coleta de lixo. "O plano é fazer a adequação ambiental das propriedades rurais do município", comenta Pereira.

Até o momento, já foram cercados 200 hectares em 40 propriedades, cerca de 17% da área da Bacia das Posses. Mais 50 ha ainda devem ser incluídos na região. Só nessa bacia a prefeitura deve investir R\$ 1,2 milhão.

Como o projeto tem pouco mais de um ano, ainda não foi feito nenhum balanço sobre as eventuais melhorias que ele possa ter promovido, mas os moradores envolvidos dizem já notar algumas diferenças. Teresinha de Moraes Oliveira, proprietária, com o marido Benedito de Oliveira, de um dos terrenos já cercados, conta que percebeu o aumento do volume de água em uma das minas de sua terra, que tinha fluxo esporádico, alternando cheia e seca. "Depois da última seca, ela parecia que não ia mais ter água, mas, um mês depois de ser cercada, eu vi que tinha voltado", diz. Os dois lembram que há 50 anos, antes do avanço da pecuária sobre a mata, a água era muito mais abundante. "Dava até para pescar bagre, hoje só aparece sapo no brejo e mais nada", afirma Benedito.

O projeto de Extrema é uma parceria com a Agência Nacional de Águas (ANA) e a ONG The Nature Conservancy. É da ANA a idéia original de pagamento. Seu programa, proposto em 2002, é o Produtor de Águas, que prevê um incentivo financeiro para quem conserva o solo. "É mais barato pagar por isso antes do que ter de investir em captação e tratamento da água depois", afirma Oscar de Moraes Cordeiro Netto, diretor da ANA.

Fonte: Estado de São Paulo